

MUSICOTERAPIA NO ATENDIMENTO DA PESSOA SURDA: UMA PRÁTICA POSSÍVEL

Thabata Moraes Silva¹
Noemi Nascimento Ansay²

RESUMO: Este artigo teve por objetivo investigar se e como ocorrem as práticas musicoterapêuticas com pessoas surdas. Para tal realizamos uma revisão integrativa, em que foram consultados recursos informacionais entre julho de 2008 e julho de 2018. Dos trabalhos selecionados foram extraídos dados e levantadas categorias de análise sobre a temática: Caracterização das pesquisas; Práticas musicoterapêuticas e/ou musicais e Proposições musicoterapêuticas e/ou musicais. Após análise, concluiu-se que a musicoterapia é uma prática possível para esse público e pôde-se demonstrar como ela ocorreu nos trabalhos selecionados para essa revisão. As autoras constataram a necessidade de enfatizar a utilização da vibração, do apoio visual e da língua de sinais com o público-alvo. Além da importância de valorizar a cultura surda, fortalecer os vínculos familiares e de se estabelecer objetivos terapêuticos que visem possibilitar experiências musicais prazerosas e significativas em que o foco da “normalização” seja minimizado.

PALAVRAS-CHAVE: Musicoterapia. Pessoa Surda. Perda Auditiva.

1 Aluna do 8º período do Curso de Bacharelado em Musicoterapia da UNESPAR/Campus II - Faculdade de Artes do Paraná. E-mail: thabatams16@gmail.com.

2 Docente do curso de Bacharelado em Musicoterapia da UNESPAR-FAP. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2522951277654216>.

MUSIC THERAPY IN CARE OF DEAF PEOPLE: A POSSIBLE PRACTICE

Thabata Moraes Silva
Noemi Nascimento Ansay

ABSTRACT: This article aimed to investigate whether a music therapy practice occurs with deaf people and how this practice occurs. For this, an integrative review was carried out, in which the information resources were consulted between July 2008 and July 2018. The selected works were extracted from data and categories of analysis were raised on the theme: Research characterization, Musical practices and / or musical and Music Therapeutic and / or Musical Proposals. After the analysis, conclude that music therapy is a possible practice for this audience and demonstrate how it occurred in the works selected for this review. The authors noted the need to emphasize the use of vibration, visual support and sign language with the target audience. Besides the importance of valuing deaf culture, strengthen family ties, and establish therapeutic goals to provide pleasant and meaningful musical experiences in which the focus of "normalization" is minimized.

KEYWORDS: Music therapy. Deaf person. Hearing Loss.

1. INTRODUÇÃO

Existe, no senso comum, o paradigma de que pessoas surdas ‘não escutam’ música. Se essa afirmação for considerada como verdadeira, a musicoterapia para Surdos, então, não pode ser considerada uma prática possível, visto ser esta a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) dentro de um processo terapêutico que visa alcançar objetivos específicos, a depender da demanda do participante. (FEDERAÇÃO MUNDIAL DE MUSICOTERAPIA, 1996).

Para refletir e romper com essa perspectiva é importante ressaltar que, dentro da comunidade surda, há grande heterogeneidade. São diferentes níveis de perda auditiva e várias causas e formas de comunicação. Há, ainda, o uso de aparelhos auditivos³ e do implante coclear⁴. Logo, com tanta pluralidade é certo afirmar que existem diversas formas de percepção sonora musical. (RIBEIRO, 2013).

Além dos aspectos relacionados à perda auditiva, ocorrem, também, outras formas de vivenciar a música. Uma pessoa surda pode ‘não ouvir’ o que está ocorrendo, mas pode experimentar a música por meio dos estímulos visuais, pela amplificação dos sons (próteses auditivas), pela utilização da língua de sinais, sentindo-a pela vibração e compreendendo os movimentos musicais. (BARCELLOS, 2016; RIBEIRO, 2013; HAGUIARA-CERVELLINI, 2003). E para pensar a relação da musicoterapia com a pessoa surda é preciso, portanto, ter em mente as questões abordadas acima.

Pensando nisso, essa pesquisa teve por objetivo investigar, a partir de uma revisão de literatura integrativa (SOARES *et al.*, 2014), se existem práticas musicoterapêuticas que são desenvolvidas com esse público-alvo e de que forma ocorrem. E, pretende-se, a partir dessa investigação, agregar conhecimento ao campo do saber da musicoterapia, por meio da construção de um referencial teórico para futuras pesquisas e para a atuação de musicoterapeutas.

3 Os aparelhos de amplificação sonora individual (AASI) têm como princípio básico de seu funcionamento a captação do som ambiente, sua amplificação e tratamento do sinal acústico, e o direcionamento do sinal amplificado e tratado para a orelha, via conduto auditivo externo, sempre que as condições anatômicas permitirem, ou via transmissão óssea, quando houver. Disponível em: http://auditivo.fmrp.usp.br/proteses_auditivas.php. Acesso em: 03 jul. 2018

4 O implante coclear multicanal é uma prótese computadorizada, inserida cirurgicamente no ouvido interno, que substitui parcialmente as funções da cóclea, transformando energia sonora em sinais elétricos. Estes sinais são codificados e enviados ao córtex cerebral. Este tipo de implante é conhecido popularmente como “ouvido biônico”.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente artigo apresenta uma revisão integrativa acerca do tema musicoterapia e pessoa Surda, desenvolvida entre julho de 2008 e julho de 2018. Revisão Integrativa configura-se “[...] como um tipo de revisão da literatura que reúne achados de estudos desenvolvidos mediante diferentes metodologias, permitindo aos revisores sintetizar resultados sem ferir a filiação epistemológica dos estudos empíricos incluídos”. (SOARES *et al.*, 2014, p. 336).

Para a pesquisa foram consultadas as bases de dados Eric⁵ e Lilacs⁶, o diretório de revistas Scielo⁷, o Portal de periódicos Capes⁸, além das Revistas Brasileira de Musicoterapia, Nupeart⁹, InCantare e Voices, Anais de Simpósios e Fóruns Brasileiros e, por fim, Anais do VI Congresso Latino Americano de Musicoterapia e XIII, XIV e XV Congressos Mundiais de Musicoterapia.

Os descritores¹⁰ utilizados foram musicoterapia e surdez, musicoterapia e perda auditiva, *music therapy and deafness*, *music therapy and hearing loss*.

Para a seleção dos artigos e resumos expandidos foram analisados título, resumo e palavras-chave. Foram incluídos, na amostra, os trabalhos que trataram de musicoterapia e surdez, os publicados em português, inglês e espanhol, e dentro do tempo delimitado. Foram excluídos os que não abordavam o tema em questão, que pertencessem a outros idiomas e os que antecederam ou sucederam o tempo delimitado.

Foram extraídos os dados: títulos, autores, ano de publicação e os endereços eletrônicos disponíveis. Também foram analisados: o uso ou não de tecnologias para Surdos, o tamanho da amostra, a faixa etária dos participantes, a forma de avaliação, o profissional que atuou com musicoterapia, a abordagem musicoterapêutica utilizada pelo profissional, se o trabalho foi realizado em equipes multi, inter ou transdisciplinares, ou se não contou com trabalhos em equipe, e se o atendimento se constituiu de forma grupal,

5 Education Resources Information Center.

6 Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde.

7 Scientific Electronic Library Online.

8 Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

9 Núcleo Pedagógico de Educação e Arte.

10 Os descritores foram revisados na Biblioteca Virtual em Saúde.

individual ou mista, utilização ou não da língua de sinais nos atendimentos, se as sessões eram estruturadas ou não, se aconteciam de forma interativa ou receptiva, se houve uma aproximação com a família e quais as experiências musicais utilizadas pelos autores.

Em seguida, foram levantadas categorias de análise sobre a temática: Caracterização das pesquisas, Práticas musicoterapêuticas/musicais e Proposições musicoterapêuticas/musicais.

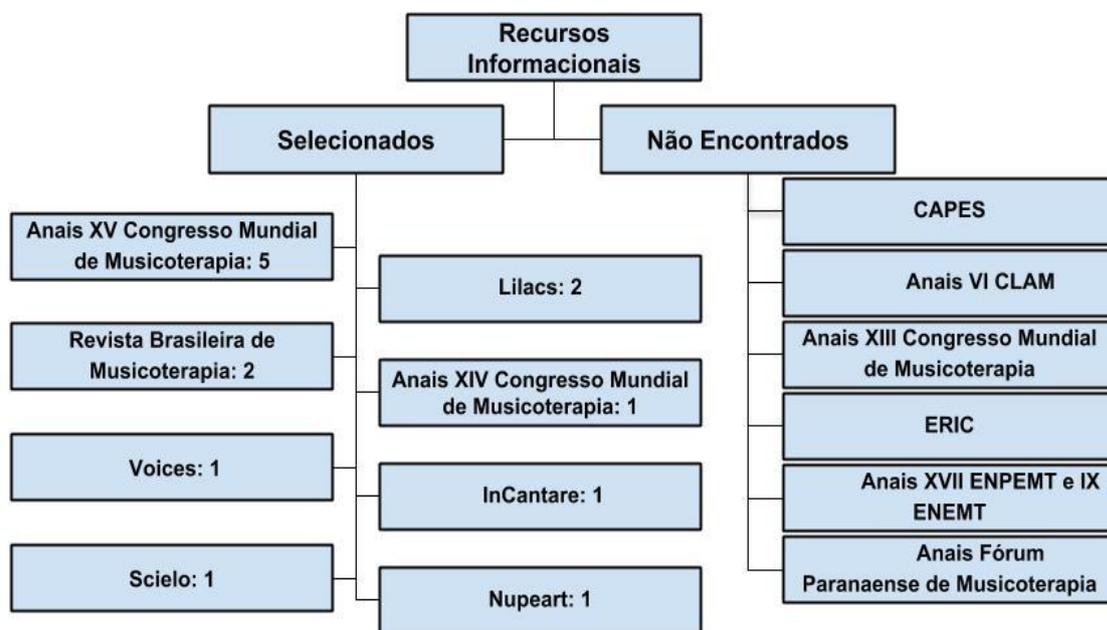
3. RESULTADOS/DISCUSSÃO

3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS PESQUISAS

Serão expostos a seguir os resultados da análise dos 14 trabalhos selecionados, a partir dos critérios de inclusão e exclusão da pesquisa.

A FIGURA 1 menciona as bases de dados, revistas e anais consultados e a quantidade de trabalhos encontrados em cada um dos recursos informacionais.

FIGURA 1 - RECURSOS INFORMACIONAIS



FONTE: As autoras (2018).

A seguir, no QUADRO 1, estão disponibilizadas as pesquisas selecionadas com título, autores, ano e endereços eletrônicos dos trabalhos. Os números atribuídos aos artigos neste quadro foram utilizados para referenciá-los durante toda a pesquisa. As traduções dos títulos em língua estrangeira estão em nota de rodapé.

QUADRO 1 - TÍTULOS, AUTORES E ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

Título	Autores/Ano	Link
1- Musicoterapia e o implante coclear: uma revisão sistemática	Marcus Vinicius Alves Galvão/ 2018	https://goo.gl/yYMqYJ
2- <i>What's that sound? Tele-intervention music therapy for young children with hearing loss</i> ¹¹	Allison Fuller and Roxanne McLeod/ 2017	https://goo.gl/TpUam8
3- <i>The experience of speech pathologists working with music therapists to foster speech and language development for children with hearing impairments</i> ¹²	Crystal Moloney/ 2017	https://goo.gl/TpUam8
4- <i>Music therapy and auditory habilitation for a deaf child with the severe inner ear anomaly using her cochlear implants</i> ¹³	Yukihiko Kanda and Chiharu Wakasugi/ 2017	https://goo.gl/TpUam8
5- <i>Supporting musical activities for hearing impaired children who are cochlear implant recipients</i> ¹⁴	Yuji Matsumoto and Noriko Maruyama/ 2017	https://goo.gl/TpUam8
6- <i>Introducing music therapy approach on babies with congenital hearing loss</i> ¹⁵	Kano Murakami et al. / 2017	https://goo.gl/TpUam8
7- <i>Music therapy interventions for deaf clients with dual diagnosis</i> ¹⁶	Anna Johnson Ward/ 2016	https://goo.gl/5vf7SE
8- A aplicação terapêutica da música no tratamento de pessoas com Implante Coclear (IC): uma revisão sistemática	André Brandalise/ 2015	http://bit.ly/2HpPFTU
9- Música, musicoterapia e surdez: uma revisão literária	Igor Ortega Rodrigues; Gustavo Schulz Gatinho/ 2015	https://goo.gl/AeGHHw
10- <i>Music therapy as specific and complementary training for adults after cochlear implantation: a pilot study</i> ¹⁷	Elizabeth Hutter et al. / 2015	https://goo.gl/uRRCzH
11- <i>Including music therapists in the rehabilitation team of children with cochlear implants</i> ¹⁸	Yina Magally Quique Buitrago/ 2014	https://goo.gl/vFzpNQ

11 Que som é esse? Tele-intervenção musicoterapêutica para crianças com perda auditiva.

12 A experiência de fonoaudiólogos trabalhando com musicoterapeutas para promover o desenvolvimento da fala e da linguagem de crianças com deficiência auditiva.

13 Musicoterapia e habilitação auditiva para uma criança surda com a anomalia severa da orelha interna usando seus implantes cocleares.

14 Atividades musicais no apoio para crianças deficientes auditivas usuárias de implante coclear.

15 Introduzindo musicoterapia em bebês com perda auditiva congênita.

16 Intervenções musicoterapêuticas para surdos com duplo diagnóstico.

17 Musicoterapia como treinamento específico e complementar para adultos pós implante coclear: um estudo piloto.

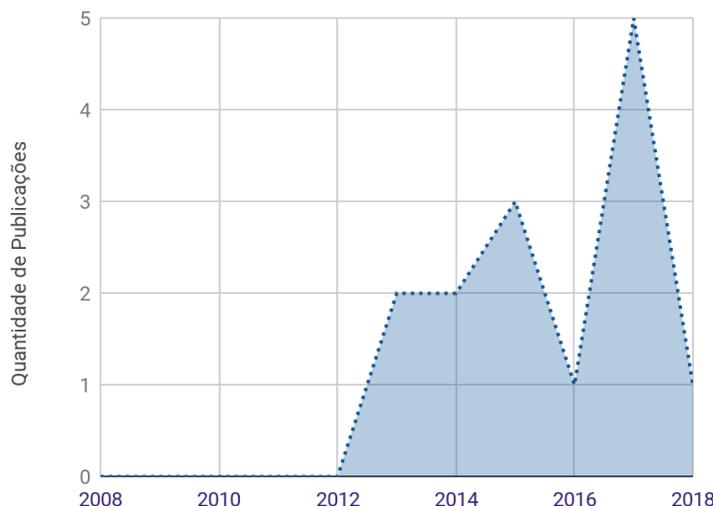
18 Incluindo musicoterapeutas na equipe de reabilitação de crianças com implantes cocleares.

12- Musicoterapia en niños con implante coclear ¹⁹	Yina Quique Buitrago/2014	https://goo.gl/7hN6Wq
13- Métodos unisensoriales para la rehabilitación de la persona con implante coclear y métodos musicoterapéuticos como nueva herramienta de intervención ²⁰	Yina Quique Buitrago; FA M./2013	https://goo.gl/xdarFE
14- A música como agente facilitador no processo da reabilitação auditiva: transdisciplinaridade entre musicoterapia e fonoaudiologia.	Gláucia Tomaz Marques Pereira e Larissa Aparecida Teixeira Chaves/2013	https://goo.gl/pdk7CA

FONTE: Recursos informacionais.

Observando os trabalhos selecionados, para extração de dados, foi possível notar um crescimento no número de publicações, principalmente no ano de 2017, mostrando uma tendência de pesquisa em musicoterapia e pessoa Surda, como pode ser visto na FIGURA 2, disponibilizada abaixo. Dos textos selecionados, um, é do primeiro semestre de 2018, cinco, são do ano de 2017, um, de 2016, três, de 2015, dois, de 2014 e dois, de 2013. Nenhum trabalho publicado antes de 2013 atendeu à metodologia dessa pesquisa. Quatro das pesquisas são brasileiras.

FIGURA 2 - QUANTIDADE DE PUBLICAÇÕES



FONTE: As autoras (2018).

19 Musicoterapia em crianças com implante coclear.

20 Métodos unisensoriais para a reabilitação da pessoa com implante coclear e métodos musicoterapêuticos como uma nova ferramenta de intervenção.

Das pesquisas, dez afirmam que os participantes Surdos utilizavam implante coclear e/ou de aparelhos de amplificação sonora, e quatro não se referem ao uso de tecnologias. Quatro delas se tratavam de revisões de literatura e dez abordaram práticas realizadas por profissionais.

3.2 PRÁTICAS MUSICOTERAPÊUTICAS/MUSICAIS

Esta seção tem como objetivo elucidar como as práticas musicoterapêuticas se deram nos trabalhos selecionados. Para isso, foram extraídos os dados que estão dispostos no QUADRO 2. Como alguns trabalhos não explicitaram se tratar de musicoterapia, o termo 'práticas musicais' também foi utilizado para descrever as ações desses profissionais.

Por se considerar o objetivo citado acima, os trabalhos que tinham como metodologia a revisão de literatura não foram incluídos na amostra, totalizando assim dez pesquisas analisadas. Os dados extraídos serão apresentados e analisados na continuidade do texto.

QUADRO 2 - CARACTERIZAÇÃO DOS ATENDIMENTOS MUSICOTERAPÊUTICOS

	2	3	4	5	6	7	10	11	12	14
Amostra	-	-	1	2	15	2	12	4	4	6
Faixa etária	Crianças	Bebês e crianças	Crianças	Crianças	Bebês	Adultos	>18	Crianças	Crianças	Crianças
Forma de atendimento	Grupo	Grupo	Grupo	Misto	Grupo	Individual	Individual	Individual	Individual	Grupo
Profissional	Mta ²¹	Mta	Mta	-	Mta	Mta	-	Mta	-	Mta
Abordagens	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Forma de avaliação	-	Entrevistas	Testes	Processual	Questionário	Processual	Testes	Entrevista e vídeo	Processual e vídeo	-
Outros profissionais	-	Sim	-	-	Sim	-	-	Sim	-	Sim
Língua dos sinais	-	-	-	-	-	Sim	-	-	-	-
Estruturada	-	Sim	-	Sim	-	Sim	-	-	Sim	Sim
Interativa ou receptiva	-	-	Interativa	Interativa	Interativa	Misto	-	Interativa	Interativa	Misto
Família	Sim	-	Sim	-	Sim	-	-	Sim	-	Sim
Experiências musicoterapêuticas	-	-	-	-	-	Sim	-	-	Sim	Sim

FONTE: As autoras (2018).

²¹ Mta = Musicoterapeuta.

No QUADRO 2 as sessões estruturadas são aquelas divididas em fases e que apresentam sequências de acordo com os objetivos, possuem início, meio e fim, diferente das de fluxo livre que permite que o participante determine a direção que o atendimento irá seguir. (BRUSCIA, 2016).

Já as práticas interativas referem-se a atendimentos musicoterapêuticos compartilhados, em que tanto o terapeuta quanto o participante estão envolvidos no processo do fazer musical, enquanto que a prática receptiva diz respeito ao ato em que o musicoterapeuta oferece para o participante, música viva ou mecânica. (BARCELLOS, 2016).

Importante visualizar que apenas três dos trabalhos (7, 12 e 14), pontuaram as experiências musicais que utilizaram no *setting*, informação essa de grande relevância nos trabalhos musicoterapêuticos, uma vez que, “a musicoterapia se distingue de outras modalidades de tratamento devido a sua dependência da experiência musical como agente de intervenção”. (BRUSCIA, 2016, p. 23).

A partir dos dados expostos, pode-se perceber que 70%²² dos trabalhos se tratam de participantes usuários de implante coclear, 70%, são com crianças, e que apenas um trabalho aborda a língua de sinais. Esses dados podem indicar a área de maior concentração de trabalhos da musicoterapia no atendimento da pessoa Surda.

Neste sentido, existem duas principais concepções de entendimento da pessoa surda, uma, que as vê como deficientes, e a outra, como diferentes. A primeira se trata da visão clínico-terapêutica, em que surdez é uma patologia a ser tratada e reabilitada, focada principalmente para o desenvolvimento da comunicação oral, na tentativa de “normalizar”. A segunda se refere à visão socioantropológica, que apresenta maior preocupação com a cultura e a identidade dos Surdos, em que o ouvintismo²³ é criticado por desejar impor a esses indivíduos a cultura dos ouvintes, sem respeitá-los como uma diversidade cultural e uma minoria linguística. (ANSAY, 2009).

22 Neste caso, a porcentagem se refere apenas aos 10 trabalhos práticos, e não aos 14 totais.

23 Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. (SKLIAR, 2005, p.15).

Observando essas concepções e o fato de a maior parte dos trabalhos ter sido com crianças usuárias de implante coclear e que não se utilizaram de língua dos sinais, pode-se dizer que as práticas musicoterapêuticas/musicais privilegiam, principalmente, a visão clínico-terapêutica e que os objetivos terapêuticos vão em busca da “normalização”.

Quanto ao envolvimento da família no processo terapêutico, cinco dos trabalhos (2, 4, 6, 11 e 14) pontuaram essa aproximação, sendo que, em dois deles, a família fez parte do processo. É importante indicar que família é o sistema que mais influencia diretamente o desenvolvimento humano. (VALENTIN *et al.*, 2015 *apud* REID *et al.*, 2001).

A família constitui a esfera em que ocorrem os primeiros contatos e trocas sociais de uma criança. Assim sendo, o núcleo familiar é o local no qual emergem os vínculos comunicacionais primários, constituídos de significados e sentidos absorvidos por meio da internalização das trocas dialógicas, possibilitando o desenvolvimento do pensamento. (KELMAN *et al.*, 2011, p.353).

Nesse sentido, a importância da proximidade da família em um contexto terapêutico se dá no desenvolvimento do indivíduo, em que a comunicação se inicia e se estabelece por esse meio. Isso pode indicar que alguns desses profissionais buscaram a concretização de uma melhor comunicação familiar.

3.3 PROPOSIÇÕES MUSICOTERAPÊUTICAS/MUSICAIS

Essa seção tem por objetivo apresentar as proposições dos autores. Todas as 14 pesquisas foram consideradas. Uma das ações sinalizadas em quatro dos trabalhos (6, 7, 12, 13) foi a utilização de estímulos visuais, ação essa que vai ao encontro do que, no Brasil, se entende por pessoa surda:

Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Lei nº 10.436, Art. 2º: Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras. (BRASIL, 2005).

Um dos trabalhos (7) pontuou a importância da língua de sinais nas interações e nos relacionamentos com os participantes Surdos, e, pôde-se constatar essa importância, no Brasil, dado o Decreto nº 5.626, citado acima.

Para o Surdo, a língua de sinais é a primeira língua e, é a partir dela que há a ampliação, na interação com seus pares, do desenvolvimento cognitivo e sua imersão no universo cultural. É por meio dessas trocas sociais que os indivíduos Surdos se tornam singulares e se desenvolvem. (KELMAN *et al.*, 2011).

Dois trabalhos (6 e 7) trouxeram o uso da vibração sonora em atendimento. Na pesquisa de Silva e Ansay (2018) sobre música no cotidiano de pessoas surdas, o questionário aplicado continha uma pergunta sobre o que na música mais chamava a atenção; 74,46% dos participantes responderam que era a vibração. Ribeiro (2013) desenvolveu, em sua dissertação de mestrado, um glossário com sinais de termos musicais. E ela dedicou na sua pesquisa uma seção específica para tratar da importância da vibração para Surdos.

Quanto às experiências musicais, uma das autoras (12) relatou que a improvisação e a recriação foram mais utilizadas no *setting* do que o inicialmente planejado; já audição e composição foram menos utilizadas. Essa mesma autora pontuou que o trabalho foi mais efetivo em sessões estruturadas e que os participantes demonstraram mais interesse por musicoterapia ativa.

Com relação aos usuários de IC, uma autora (13) aconselhou a ajudar os usuários a selecionar exemplos musicais que são mais fáceis, como iniciar ouvindo apenas as letras das músicas, ter exemplos com ritmos fortes e claros, ou usar melodias simples, entre outros.

Foi possível notar durante as leituras que algumas atividades e formas de abordar os participantes possuíam propriedades lúdicas. Um dos trabalhos (6) salientou a importância dessa forma de abordar, pois, possibilitou mais, o engajamento ao processo musicoterapêutico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apartir dessa revisão integrativa de literatura, foi possível constatar que musicoterapia é uma prática possível com pessoas surdas, considerando a heterogeneidade dos sujeitos. O aumento de pesquisas com esse público-alvo mostra uma tendência e pode sugerir que a oferta e/ou demanda de atendimentos musicoterapêuticos estão se expandindo para esse coletivo.

O QUADRO 2 é importante para se visualizar como os Surdos estão sendo atendidos em musicoterapia. Em 70% dos trabalhos, os profissionais atuantes eram musicoterapeutas, 60%, não citaram a parceria com outros profissionais. As formas de avaliação apresentadas pelos autores expressaram caráter diversificado: entrevistas, testes, questionários e análise de vídeos fizeram parte das avaliações. Quanto à forma como os participantes eram atendidos, tanto o formato grupal (50%) quanto individual (40%) apareceram de forma equilibrada, 40% dos profissionais trabalharam com musicoterapia interativa e 20%, de forma mista (tanto interativa quanto receptiva).

Não foi possível obter maiores informações quanto às experiências musicais utilizadas, 70% dos trabalhos não expuseram tal dado. Nenhum trabalho exibiu informações quanto às modalidades de abordagem musicoterapêutica utilizadas. 50% não mencionaram se as sessões musicoterapêuticas eram estruturadas ou de fluxo livre.

A partir dos dados obtidos e das reflexões suscitadas pelo texto, as autoras constataram que é preciso salientar a importância de se utilizar a vibração, o apoio visual, a língua de sinais, de valorizar a cultura Surda, incentivar os vínculos familiares e de se estabelecer objetivos terapêuticos que enfatizem as experiências musicais prazerosas e significativas, minimizando o foco da “normalização” desses sujeitos.

Interessante pontuar, também, que musicoterapia é uma ciência que requer formação. Sendo assim, é importante que os profissionais sejam musicoterapeutas e façam parte, quando for possível, de associações de classe profissional. Outro aspecto a ser considerado é a importância da formação nas especificidades que dizem respeito à pessoa surda: conhecimento da cultura surda, aprendizagem da língua de sinais, conhecimentos da área da audiolgia, do funcionamento dos amplificadores sonoros e do implante coclear. Mesmo com o aumento da tendência de estudos, ainda se fazem necessários investimentos e pesquisas na área.

REFERÊNCIAS

ANSAY, N. N. **A trajetória escolar de alunos surdos e a sua relação com a inclusão no ensino superior**. 2009. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

BARCELLOS, L. R. **Quaternos de musicoterapia e coda**. Barcelona: Barcelona Publishers, 2016.

BRANDALISE, A. A aplicação terapêutica da música no tratamento de pessoas com implante coclear (IC): uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, 2015.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2005.

BRUSCIA, K. **Definindo musicoterapia**. Barcelona Publishers, 2016.

BUITRAGO, Y. Q. Including music therapists in the rehabilitation team of children with cochlear implants. **Proceedings of the 14th WFMT World Congress of Music Therapy**, 2014.

_____. Musicoterapia en niños con implante coclear. **Revista de Otorrinolaringología y Cirugía de Cabeza y Cuello**, 2014.

_____; FA, MT. Métodos unisensoriales para la rehabilitación de la persona con implante coclear y métodos musicoterapéuticos como nueva herramienta de intervención. **Revista de Otorrinolaringología y Cirugía de Cabeza y Cuello**, 2013.

FULLER, A.; MCLEOD, R. What's that sound? Tele-intervention music therapy for young children with hearing loss. **Proceedings of the 15th WFMT World Congress of Music Therapy**. Tsukuba, Japan. July 4-8, 2017.

GALVÃO, M. V. A. Musicoterapia e o implante coclear: uma revisão sistemática. **InCantare**, 2018.

HAGUIARA-CERVELLINI, N. **A musicalidade do surdo**: representação e estigma. São Paulo: Plexus, 2003.

HUTTER, E. *et al.* Music therapy as specific and complementary training for adults after cochlear implantation: A pilot study. **Cochlear Implants International**, 2015.

KANDA, Y.; WAKASUG, C. Music therapy and auditory habilitation for a deaf child with the severe inner ear anomaly using her cochlear implants. **Proceedings of the 15th WFMT World Congress of Music Therapy**. Tsukuba, Japan. July 4-8, 2017.

KELMAN, C. A. *et al.* Surdez e família: facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 17, n. 33, p. 349-365, maio/ago, 2011.

MATSUMO, Y.; MARUYAMA, N. Supporting musical activities for hearing impaired children who are cochlear implant recipients. **Proceedings of the 15th WFMT World Congress of Music Therapy**. Tsukuba, Japan. July 4-8, 2017.

MOLONEY, C. The experience of speech pathologists working with music therapists to foster speech and language development for children with hearing impairments. **Proceedings of the 15th WFMT World Congress of Music Therapy**. Tsukuba, Japan. July 4-8, 2017.

MURAKAMI, K. *et al.* Introducing music therapy approach on babies with congenital hearing loss. **Proceedings of the 15th WFMT World Congress of Music Therapy**. Tsukuba, Japan. July 4-8, 2017.

MUSICOTERAPIA. Federação Mundial de Musicoterapia. In: **Revista Brasileira de Musicoterapia**, ano I, n. 2, 1996.

PEREIRA, G. T. M.; CHAVES, L. A. T. A música como agente facilitador no processo da reabilitação auditiva: transdisciplinaridade entre musicoterapia e fonoaudiologia. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, 2013.

RIBEIRO, D. P. **Glossário bilíngue da língua de sinais brasileira**: criação de sinais dos termos da música. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2013.

RODRIGUES, I. O. ; GATINO, G. S. Música, musicoterapia e surdez: uma revisão literária. **Nupeart**, 2015.

SILVA, T. M.; ANSAY, N. N. Música no cotidiano de pessoas surdas: contribuições para musicoterapia e educação musical. **XIX Anais Fórum Paranaense de Musicoterapia**, v. 18, 2018.

SKLIAR, C. **Um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SOARES, C. B. *et al.* Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. USP, 2014.

VALENTIN, F. *et al.* Música e musicoterapia com famílias: uma revisão sistemática. 2016. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, ano XVII, n. 18, 2015.

WARD, A. J. Music therapy interventions for deaf clients with dual diagnosis. **Voices**, 2016.